

Παραχαράττειν τὸ νόμισμα ou as várias faces da moeda^{*}

OLIMAR FLORES JÚNIOR

Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil

A expressão παραχαράττειν τὸ νόμισμα - traduzida frequentemente por “falsificar a moeda” - tornou-se, a partir de Diógenes, quase proverbial e logo se converteu no principal lema do cinismo. Comentadores modernos fizeram dela o caminho por meio do qual o pensamento cínico pode ser compreendido¹ e alguns dos autores antigos mais importantes para o testemunho sobre o cinismo insistiram no preceito dessa “falsificação”².

Pretendo aqui retomar o debate em torno do episódio narrado por Diógenes Laércio na abertura do livro consagrado a Diógenes cínico, em que a “falsificação da moeda” aparece como a causa de seu exílio e,

^{*} O presente artigo reproduz, com poucas alterações, uma comunicação apresentada durante o I Colóquio do Grupo Interdisciplinar e Interinstitucional de Estudos sobre as Sociedades Antigas, ocorrido em Diamantina (Brasil), em Agosto de 1998. No texto que se segue, para maior comodidade de leitura, adoto as seguintes abreviaturas: D.L.= Diogenes Laertius, *Lives of eminent philosophers* (London 1991) e SSR = Giannantoni, G. (ed.) *Socratis et socraticorum reliquiae* II (Nápoli 1990).

¹ “Pour comprendre ce qu'est vraiment le cynisme de Diogène, il faut se laisser guider par l'idée de 'la falsification de la monnaie'”. M.O. Goulet-Cazé, “Les cyniques et la falsification de la monnaie” in L. Paquet, (choix, traduction et notes) *Les cyniques grecs: fragments et témoignages* (Paris 1992) 9.

² Cf. Juliano, *Or.* 9. 188 a-b; *Or.* 9. 192 b-c; *Or.* 7. 208d; *Or.* 7. 211b; Plutarco, *De Alexandri Magni fortuna aut virtute*, 1. 332c; Luciano, *Demonactis vita* 5.

conseqüentemente, da sua iniciação filosófica. Meu objetivo será a revisão da crítica à historicidade do texto laerciano, mas, ao recuperar a discussão em torno do tema, busco, mais do que introduzir algum novo argumento, reabilitar a pluralidade das versões como um dos traços característicos da tradição diogeniana. Tomo, portanto, o episódio da “falsificação” como um exemplo privilegiado do modo de constituição do *corpus* cínico.

Eis o relato de Diógenes Laércio:

Διογένης Ἰκεσίου τραπεζίτου Σινωπεύς. φησί δὲ Διοκλῆς, δημοσίαν αὐτοῦ τὴν τράπεζαν ἔχοντος τοῦ πατρὸς καὶ παραχαράξαντος τὸ νόμισμα, φυγεῖν. Εὐβουλίδης δ' ἐν τῷ Περί Διογένους αὐτόν φησι Διογένην τοῦτο πράξει καὶ συναλᾶσθαι τῷ πατρί. οὐ μὴν ἀλλὰ καὶ αὐτὸς περὶ αὐτοῦ φησιν ἐν τῷ Πορδάλῳ ὡς παραχαράξει τὸ νόμισμα. ἔνιοι δ' ἐπιμελητὴν γενόμενον ἀναπεισθῆναι ὑπὸ τῶν τεχνιτῶν καὶ ἐλθόντα εἰς Δελφοὺς ἢ εἰς τὸ Δῆλιον ἐν τῇ πατρίδι Ἀπόλλωνος πυνθάνεσθαι εἰ ταῦτα πράξει ἄπερ ἀναπίσθεται· τοῦ δὲ συγχωρήσαντος τὸ πολιτικὸν νόμισμα, οὐ συνείς, τὸ κέρμα ἐκιβδήλευσε καὶ φωραθεῖς, ὡς μὲν τινες, ἐφυγαδεύθη, ὡς δὲ τινες, ἐκὼν ὑπεξῆλθε φοβηθεῖς. ἔνιοι δὲ φασὶ παρὰ τοῦ πατρὸς αὐτὸν λάβοντα τὸ νόμισμα διαφθεῖραι· καὶ τὸν μὲν δεθέντα ἀποθανεῖν, τὸν δὲ φυγεῖν ἐλθεῖν τ' εἰς Δελφοὺς καὶ πυνθανόμενον οὐκ εἰ παραχαράξει, ἀλλὰ τί ποιήσας ἐνδοξότατος ἔσται, οὕτω λαβεῖν τὸν χρησμὸν τοῦτον.

Diógenes de Sínope era filho do banqueiro Icésio. Diocles diz que ele foi banido da sua cidade porque seu pai, que era responsável pelo dinheiro do estado, falsificou a moeda. Mas Eubúlides, no Sobre Diógenes, diz que o próprio Diógenes fez tal coisa e foi exilado com o pai. Aliás, ele mesmo, no Pórdalo, afirma ter falsificado a moeda. Alguns dizem que ele se tornou administrador e que, tendo sido corrompido por alguns trabalhadores, foi até Delfos — ou ao oráculo Délio da sua cidade — perguntar a Apolo se poderia fazer aquilo a que era induzido. Teve, então, o consentimento para alterar as instituições políticas, mas não entendeu bem e falsificou a moeda. Depois, quando foi descoberto, segundo alguns, foi exilado, mas, segundo outros, deixou a cidade voluntariamente, com medo. Outros dizem ainda que ele recebeu do pai a responsabilidade de cuidar da moeda e adulterou-a; o pai morreu na prisão e ele fugiu; foi em seguida para

*Delfos e perguntou não se poderia falsificar, mas o que deveria fazer para ser mais famoso e assim recebeu o referido oráculo.*³

O tema da “falsificação da moeda”, conforme se lê em Diógenes Laércio, pode ser considerado um eixo que liga as informações sobre a pátria e a filiação de Diógenes cínico com aquelas sobre o seu exílio e sua iniciação filosófica, exprimindo também o conteúdo do seu pensamento; assim, presente tanto na seção propriamente biográfica, quanto no conjunto das *χρεῖται*⁴, a *παραχάραξις* é mencionada ainda em D.L. 6. 56 e D.L. 6. 71 e aludida em D.L. 6. 49. O βίος laerciano situa-se, desta forma, no centro de uma tradição que fez desta passagem da biografia de Diógenes uma das peças fundamentais sobre a qual os cínicos ergueram as bases da sua doutrina.

O episódio foi bastante explorado pelos autores antigos, que viam nele o fundamento de toda a *práxis* cínica, chegando mesmo trans-

³ D.L. 6. 20-21. O mesmo episódio é referido em outros autores. Sobre a *παραχάραξις*: D.L. 6. 56; *Suda*, s.v. *Διογένης*, n. 1143, 1144 (SSR V B 3); Favorino, *De exilio* iv col. 3, 26-32 (SSR V B 12), em que a alusão à *παραχάραξις* é dada pela expressão *οἴκοι μὲν οὐδὲ ἀργυρογνώμων ἀγαθὸς ἐδόκει* [scil. Diogenes]; Schol. *in Lucianum vit. auct.* 7 (SSR V B 16), cujo termo correspondente é *ἀργυρομοιβός*; com valor marcadamente simbólico ver *Suda*, s.v. *γνώθι σαυτόν*, n. 334 (SSR V B 3); Juliano, *Or.* 9. 188 a-b; *Or.* 9. 192 b-c; *Or.* 7. 208d; *Or.* 7. 211b; Plutarco, *De Alexandri Magni fortuna aut virtute* 1. 332c; Luciano, *Demonactis vita* 5; D.L. 6. 71. Sobre a pátria e o exílio (ou fuga deliberada) de Diógenes, mas sem referência explícita à *παραχάραξις*: D.L. vi 49; Estrabo, *Geographica* 12. 11; Pompónio Mela, *De chorographia* 1. 105 (SSR V B 1); Luciano, *Bis accusatio* 24; Musónio Rufo, *Reliquiae* 9. 15-44. 1; 9. 9-10 (SSR V B 13); *Chronicon Paschale* a. 362 (SSR V B 2); Plutarco, *De tranquillitate animi* 6. 467c; *De capienda ex inimicis utilitate*, 2. 87. A; Ovídio, *Ex Ponto* 1. 67-68. G. Giannantoni (*Socratis et socreticorum reliquiae* (Napoli 1990) iv vol., p. 424) chama a atenção para a ausência de qualquer traço da “falsificação da moeda” nas orações diogenianas de Dion Crisóstomo e nas epístolas pseudo-diogenianas (Cf. Ps. Diog. *epist.* 1 [SSR V B 531] e Dion Crisóst. *or.* 4 [SSR V B 582]), muito embora ambos façam referência ao exílio de Diógenes e seja evidente a defesa do cinismo. Assim, também é de estranhar o fato de que Diógenes não seja mencionado na passagem de Teles, filósofo cínico do III séc. a.C., sobre o exílio (Estobeu 3. 8).

⁴ Cf. a análise da estrutura do βίος laerciano proposta por G. Giannantoni, *Socratis et socreticorum reliquiae* IV (Napoli 1990) 415-416.

formá-lo num preceito universal de sabedoria, garantido pelo oráculo délfico. É o caso do Imperador Juliano que coloca lado a lado, como ideais da doutrina perfeita, os dois imperativos: γνῶθι σαυτόν e παραχάραξον τὸ νόμισμα⁵; o primeiro é bem atestado pela tradição⁶, mas a presença do segundo, como um preceito délfico, certamente tem como fonte a história de Diógenes Laércio e, além disso, é conhecido apenas no contexto de Diógenes de Sínope⁷. Logo, se a aceitação de Antístenes como fundador do cinismo permanece hoje ainda como um ponto controverso⁸ e, de um modo geral, considera-se que o cinismo, no seu perfil mais genuíno, depende do pensamento de Diógenes (ou mesmo é com ele identificado), a “falsificação da moeda” fornecia, segundo o contorno histórico pretendido pelo texto laerciano, a autoridade perfeita para a subversão e a ruptura radical com os valores convencionais pretendidas pela escola. Em outras palavras, diríamos que o episódio narrado por Diógenes Laércio outorgava legitimidade histórica à recusa cínica da “moeda corrente” e antecipava todo um conjunto de ações ou, se preferirmos, antecipava uma *performance*⁹. Nesse sentido, a falsificação tem um alcance simbólico muito maior e passa, de mera contravenção monetária, a uma recusa mais ampla dos valores

⁵ Or. 7. 211b; Or. 9. 188a. Na Suda (s.v. γνῶθι σαυτόν, n. 334) aparece a mesma aproximação: γνῶθι σαυτόν καὶ τὸ νόμισμα παραχάραξον, παραγγέλματα Πυθικά.

⁶ Cf. Platão, *Protágoras* 343b.

⁷ Cf. P. Gardner, “Diogenes and Delphi”, *CR* 7 (1873).

⁸ Sobre o assunto ver o já clássico D. Dudley, *A history of cynicism. From Diogenes to the 6th. century A.D.* (London 1937), cuja tese central busca refutar a visão do cinismo como uma escola socrática menor fundada por Antístenes e demonstrar a inexistência de qualquer relação direta entre Antístenes e Diógenes. Ver também, mais recentemente, G. Giannantoni, “Antistene fondatore della scuola cinica?” in M.O. Goulet-Cazé, e R. Goulet, (eds.), *Le cynisme ancien et ses prolongements* (Paris 1993).

⁹ Para ficar num único exemplo, é significativa a anedota em D.L. 6. 64: εἰς θέατρον εἰσῆει [scil. Diogenes] ἐναντίος τοῖς ἐξιούσιν· ἐρωτηθεὶς δὲ διὰ τί, “τοῦτο,” ἔφη, “ἐν παντὶ τῷ βίῳ ἐπιτεδεύω ποιεῖν”. (*Diógenes entrava no teatro indo de encontro às pessoas que saíam e, interrogado porque, respondia: 'em toda a minha vida é isto que me esforço por fazer'*). Cf. também Stob. 3. 83 (*SSR V B 267*).

convencionais, na intenção de substituí-los por novos. A biografia de Diógenes apresentava, portanto, uma origem para a contrafação que o cinismo introduziu em todos os campos, moral, religioso, político e, principalmente, no campo da própria filosofia.

Tal arranjo, na forma como conservado pela tradição, provocou a reação esperada: a excessiva justeza e precisão do episódio, isto é, a *plasticidade* de suas possibilidades interpretativas, que favorecia o seu aproveitamento na fixação posterior da doutrina, colocava em suspenso, em sentido inverso, a sua credibilidade histórica. Dessa perspectiva, a suspeita decorre menos de um exame rigoroso das evidências materiais do que do fato de que quando uma anedota informa sobre o início de uma carreira filosófica, há nela algo mais do que um simples acontecimento, ela deixa de ser uma mera curiosidade conservada para constituir o sintoma de um interesse. Logo, se a anedota está em relação com o desenvolvimento ulterior de uma doutrina, ela pode, nas circunstâncias mais favoráveis, apresentar essa doutrina *in nuce*, como resultado de reelaborações sucessivas, mas, em todo caso, orientadas para um fim específico. A conclusão possível é: encontram-se anedotas oportunas em que atuam, num grau difícil de determinar, a imaginação e o interesse dos biógrafos e será tanto mais lícito o ceticismo diante delas quanto maior o seu significado filosófico¹⁰.

Por outro lado, se a suspeita sobre o valor histórico do relato foi inspirada na excessiva simpatia entre a vida do filósofo e o seu pensamento posterior, essa mesma suspeita foi também alimentada pela própria economia do texto laerciano, em que a pluralidade das versões, no detalhe contraditórias, dificulta o estabelecimento de uma base factual. O percurso da crítica parte do valor simbólico contido no παραχαράττειν τὸ νόμισμα e apóia-se nas incongruências e imprecisões apresentadas pelo texto.

¹⁰ Cf. H. Niehues-Pröbsting, *Der Kynismus des Diogenes und der Begriff des Zynismus* (München 1979) 43-81.

Assim, Diels¹¹, depois do estudo de Weber¹² que insiste sobre o valor moral que a expressão adquire, sobretudo em Juliano¹³, nega a historicidade do episódio, sustentando que toda a construção tem origem no *Πόρδαλος* de Diógenes, em que já constava com sentido figurado exprimindo uma “reversão dos valores”, fundado sobre o significado de “lei” ou “costume” que o termo νόμιμα adquiria. Por seu turno, destacando a consulta ao oráculo délfico, Schwartz¹⁴ defende a tese de que a narrativa sobre Diógenes é construída sobre uma analogia com o oráculo recebido por Querefonte a respeito de Sócrates¹⁵. Pode-se pensar, a partir desse procedimento, em uma tradição oracular da filosofia, na qual estaria também incluída a passagem relativa a Zenão estóico¹⁶; em todos os casos funda-se uma prática filosófica justificando-a no caráter divino da sua origem¹⁷. Posteriormente, K. von Fritz¹⁸, avançando a tese de Schwartz, vê no relato da “falsificação da moeda” uma invenção que reforça ainda em outro aspecto o paralelismo entre Sócrates e Diógenes: Sócrates herdara da mãe parteira (μοῖα) a mesma arte (τέχνη) de trazer à luz, promovendo, contudo, o parto nas almas e não nos corpos¹⁹; de modo semelhante, Diógenes podia ter justificada a sua missão em uma suposta contravenção do pai banqueiro. Assim, a maiêutica de Sócrates, que constitui o seu método dialético, lançava luz ao obscuro e paradoxal

¹¹ H. Diels, “Aus dem Leben des Kynikers Diogenes”, *Archiv für Geschichte der Philosophie* 7 (1894).

¹² E. Weber, “De Dione Chrysostomo cynicorum sectatore” *Leipziger Studien* 10 (1887), apud G. Giannantoni, *Socratis et socraticorum reliquiae* IV (Nápoli 1990) 424, no qual, em grande parte, me baseio para o inventário desta tradição crítica.

¹³ Juliano, *Or.* 9. 188a-b; *Or.* 9. 192b-c; *Or.* 7. 208d; *Or.* 7. 211b.

¹⁴ E. Schwartz, *Characterköpfe aus der antiken Literatur* II (Leipzig 1911) 1-23

¹⁵ Platão, *Apologia* 20e-21a.

¹⁶ D.L. 7. 2.

¹⁷ Cf. O. Gigon, “Antike Erzählungen über die Berufung zur Philosophie” *MH* 3 (1946).

¹⁸ K. Fritz, “Quellen-Untersuchungen zur Leben und Philosophie des Diogenes von Sinope” *Philologus* 18 (1926).

¹⁹ Ματεύεσθαι τὰς ψυχὰς ἀλλὰ μὴ τὰ σώματα. Cf. Platão, *Teeteto* 149a-151d.

παραχαράπτειν τὸ νόμισμα, convertido, então, em uma matriz alegórica da *práxis* cínica.

A evidente semelhança entre a narrativa sobre a missão filosófica de Sócrates e aquela do cínico parece comprovar o esforço dos biógrafos em aproximar os fatos da vida do filósofo com a doutrina que lhe é atribuída, visando à composição de “coincidências” que fossem significativas²⁰. Se Sócrates mesmo, segundo os relatos platônicos, oferecia o depoimento sobre a origem da sua missão e da sua pedagogia, era sedutor concluir que o relato da παραχάραξις constituía uma invenção deliberadamente introduzida pelo próprio Diógenes em uma de suas obras. Tal conclusão apóia-se em uma das versões apresentadas por Laércio, que afirma que o cínico, falando de si mesmo no *Pórdalo*, teria mencionado a falsificação (αὐτὸς περὶ αὐτοῦ φησιν ἐν τῷ Πορδάλω ὡς παραχαράξει τὸ νόμισμα). Entretanto, a letra do texto não indica necessariamente uma invenção e bem pode se tratar do aproveitamento de um fato anterior, revertendo-o na direção de um interesse, estratégia largamente exemplificada na literatura cínica e em especial na relativa a Diógenes²¹. Além disso, considerar a expressão como um invenção que aparece pela primeira vez no *Pórdalo* levanta ainda outras dificuldades. Em primeiro lugar, a obra é mal conhecida e não nos resta mais do que o que próprio texto de Diógenes Laércio conservou; o pouco que se pode conjecturar sobre ela parte do título mesmo, cuja forma e significado tem dividido os comentadores²². Weber²³ sustenta que o termo Πόρδαλος

²⁰ As diferentes versões sobre a morte de Diógenes levam à mesma conclusão. Cf. D.L. 6. 76. Vale notar que tanto Sócrates como Diógenes foram tomados freqüentemente pela tradição no contexto de uma *exemplaridade*, o que pode, em parte, explicar o procedimento dos biógrafos. Sobre o assunto consultar F. De Luise, e G. Farinetti, *Felicità socratica: immagini di Socrate e modelli antropologici ideali nella filosofia antica* (Hildesheim 1997).

²¹ Penso sobretudo no expediente de se ressaltar os aspectos positivos do infortúnio ou reverter em elogio uma censura. Cf., por exemplo, D.L. 6. 40, 6. 55, 6. 56, 6. 58.

²² Para Diels, op. cit., uma grafia possível seria Πάρδαλις, embora não se saiba qual a simbologia ligada a este animal; contudo, a correção parece plausível ao

está ligado a *πέρδομαι*, *πορδή*, *πορδαλέος*, já que, em Epiteto²⁴, os cínicos são chamados de *πόρδωνες*; a obra deveria expor a tese cínica de que o que é natural não pode ser considerado vil ou torpe, portanto o *πέρδεσθαι* é *ἀδιάφορον*.

Nesse contexto é ilustrativa a anedota narrada por Diógenes Laércio a respeito de Metrocles e Crates:

*Certa vez, quando se exercitava, Metrocles soltou um peido e, por causa da vergonha, ficava trancado em casa, desejando morrer. Ao ouvir isto e sendo solicitado, Crates foi à casa dele depois de ter comido uma quantidade razoável de tremoços e, com palavras, tentava convencê-lo de que não tinha feito nada de mal, pois terrível seria se não se livrasse dos gases naturalmente. Por fim, o próprio Crates peidou, reanimando-o ao consolá-lo com um gesto semelhante. Desde então Metrocles foi seu aluno e tornou-se notável em filosofia.*²⁵

Por esta ótica, a *παράχαραξις* não poderia ser condenada, uma vez que a moeda não pertence à esfera da *φύσις*.

Entretanto, permanece diante destes argumentos o problema da origem da expressão, cujo uso metafórico *a priori* não me parece provável. Vale dizer: a fórmula cínica da “falsificação da moeda”, tomada à revelia de um núcleo histórico mínimo que lhe desse suporte, seria por demais obscura e enigmática, sobretudo para uma filosofia cujo quadro de princípios incluía o falar franco e claro. O problema da “falsificação da moeda” e o seu substrato histórico, como de resto todos os elementos que compõem o pensamento cínico, têm as suas raízes plantadas no

considerarmos a sucessão de títulos do catálogo das obras de Diógenes: Ἰθύας, Κολοίός, Πάρδαλις.

²³ Weber, op. cit. 201.

²⁴ Epiteto 3. 80 (SSR V B 290).

²⁵ D.L. 6. 94. ποτὲ μελετῶν [scil. Metrocles] καὶ μεταξύ πως ἀποπαρδῶν ὑπ’ ἀθυμίας οἴκοι κατάκλειστος ἦν, ἀποκαρτερεῖν βουλόμενος. μαθῶν δὲ ὁ Κράτης εἰσῆλθε πρὸς αὐτὸν καὶ θέπιμους ἐπίτηδες βεβρωκῶς ἔπειθε μὲν αὐτὸν καὶ διὰ τῶν λόγων μηδὲν φαῦλον πεποιηκέναι· τέρας γὰρ ἄν γεγονέναι εἰ μὴ καὶ τὰ πνεύματα κατὰ φύσιν ἀπεκρίνετο· τέλος δὲ καὶ ἀποπαρδῶν αὐτὸν ἀνέρωσεν, ἀφ’ ὁμοιότητος τῶν ἔργων παραμυθησάμενος. τοῦτεῦθεν ἤκουεν αὐτοῦ καὶ ἐγένετο ἀνὴρ ἰκανὸς ἐν φιλοσοφίᾳ.

campo da transmissão da doutrina, no modo como se conservou e, sobretudo, no modo como se transformou e evoluiu. Assim, as camadas interpretativas que visavam um aspecto particular do cinismo, fosse na sua dimensão simbólica ou no seu valor factual, sustentando, implícita ou explicitamente, um julgamento, sedimentaram em torno de cada episódio versões nem sempre harmônicas num processo contínuo de dilatação. O resultado é, ele mesmo, enigmático: ou tem-se a opacidade histórica do acontecido, ou o conflito de usos e interesses reforça um eixo central que permanece em todas as variantes independentemente do seu contexto. A passagem citada de Diógenes Laércio registra a complexidade do processo no contraste das versões. Na primeira lemos que, segundo Diocles, teria sido o pai, titular de um banco público (ἔχων δημοσίαν τράπεζαν), o responsável pela falsificação, aqui dada pelo verbo παραχαράττειν; por este motivo Diógenes teria abandonado (φυγεῖν) Sínope. Na segunda, sob a autoridade de Eubúlides, autor de uma obra intitulada *Περὶ Διογένους*, afirma-se que Diógenes mesmo falsificou a moeda e foi forçado a deixar a cidade (συναλᾶσθαι) com o pai. Em uma terceira versão, evoca-se o próprio Diógenes, que no *Πόρδαλος* teria confessado a contravenção (ὡς παραχαράξει τὸ νόμισμα). Na quarta, sem a indicação precisa das fontes, Diógenes teria se tornado superintendente ou administrador (ἐπιμελητής) e, persuadido pelos seus próprios τεχνίται, consulta o oráculo de Apolo sobre a decisão a tomar; recebe então o consentimento para alterar as instituições políticas (τὸ πολιτικὸν νόμισμα), mas equivoca-se sobre o sentido do termo νόμισμα e falsifica a moeda (τὸ κέρμα ἐκιβδήλευσε); em seguida, sendo descoberto, é exilado (ἐφυγαδεύθη) ou foge voluntariamente da cidade (ἐκὼν ὑπεξῆλθε) temendo as conseqüências. Finalmente, uma quinta versão, também sem a indicação das fontes, afirma que Diógenes teria recebido do pai a incumbência de cuidar do dinheiro e, ao falsificá-lo (διαφθεῖραι), é obrigado a fugir (φυγεῖν), ao passo que o pai vem a morrer na prisão; só depois dirige-se ao oráculo, mas não para saber se poderia falsificar (παραχαράξει) e sim sobre o que deveria fazer para se tornar mais famoso (ἐνδοξότατος), recebendo então aquela resposta.

É desconcertante, não há dúvida, a quantidade e a diversidade das versões (mesmo se levamos em conta que a fonte está separada do seu objeto por cerca de seis séculos) e o fato de serem fundamentadas na autoridade de outros escritores (nomeados ou não) torna ainda mais problemática qualquer escolha. Apesar disso, permanece um núcleo mais ou menos bem definido: a presença, na biografia de Diógenes, de uma contravenção relativa ao dinheiro de sua cidade, ficando os episódios da fuga (ou exílio) e do oráculo apenas parcialmente ajustados. Pode-se, então, a partir do exame cuidadoso do texto, estabelecer os pontos fundamentais da discordância entre as várias fontes.

De uma perspectiva filológica, podem ser mencionadas: (1) a dúvida entre um exílio propriamente dito e uma fuga deliberada, segundo o uso dos verbos φυγεῖν, συναλᾶσθαι, φυγαδεύειν e ὑπεξελεθεῖν (este último reforçado pela ocorrência do adjetivo ἐκών); (2) a aparente equivalência de τραπεζίτης e ἐπιμελητής, chamando Donzelli a atenção para a ocorrência da expressão ἔχων δημοσίαν τράπεζαν e do termo ἐπιμελητής, que definem, em versões diferentes a ocupação do autor da suposta falsificação, a primeira referindo-se ao pai e a segunda ao próprio Diógenes: enquanto ao τραπεζίτης, uma espécie de “gerente de banco”, tinha as funções de câmbio, crédito e de depósito, era ao ἐπιμελητής” que cabia a cunhagem da moeda propriamente dita²⁶; e finalmente, (3) o campo semântico do verbo παραχαράττειν frente aos correlatos κιβδηλεύειν e διαφθείρειν, carecendo de ressalva a tradução de παραχαράττειν por “falsificar” nesse contexto: como expõe P. Gardner²⁷, os termos que tecnicamente indicam a falsificação são κιβδηλεύειν, παραποιεῖν e, principalmente, παρακόπτειν, enquanto παραχαράττειν pode significar tanto “falsificar” (“to stamp wrongly the coinage”), quanto “remarcar” ou “sobre-imprimir” um outro χαρακτήρ, ou “alterar” o já existente. De um modo mais preciso, I. Bywater e J.G. Milne²⁸ apontam os seguintes significados: (1) alterar a cunha ou a

²⁶ G.B. Donzelli, “Del παραχαράττειν τὸ νόμισμα”, *Siculorum Gymnasium* 11 (1958).

²⁷ Gardner, op.cit.

²⁸ I. Bywater e J.G. Milne, “Παραχάραξις”, *CR* 54 (1940).

estampa a fim de produzir um falso χαρακτήρ; (2) mudar o χαρακτήρ; e (3) cunhar com uma estampa falsa ou fabricar dinheiro falso²⁹.

Além disso, existe, em cada uma das variantes, uma diferença de enredo, baseada em acréscimos e omissões, da qual não se pode descurar e, nesse sentido, a oscilação terminológica, como reflexo mesmo dessa diferença, ultrapassa uma simples flexibilidade vocabular. Também não me parece provável que o conjunto das versões se deva apenas aos percalços da transmissão material, entendida como um processo neutro e contínuo de cópias e compilações que, com o passar do tempo, ofusca o original, gerando toda a sorte de confusões, as quais se cristalizam mais tarde numa antologia heterogênea. Defendo, portanto, que a gênese da multiplicidade das versões deste episódio é análoga à composição do *corpus* cínico como um todo e está intimamente ligada a um conflito de julgamentos que o deformaram, cada um a seu modo, na direção tanto de *um* interesse quanto na de *uma* compreensão, sendo nesse contexto que se deve entender a transmissão da doutrina. Pode-se objetar que todo o pensamento antigo padeça, de um modo geral, das mesmas condições e que toda transmissão é, ela mesma, contaminada, posto que não há neutralidade absoluta possível. Pode-se acrescentar ainda que a interpretação de qualquer texto antigo não deva se furtar completamente à discussão sobre a sua transmissão e ao modo como ele nos é acessível. Como resposta bastaria dizer, por exemplo, que o pensamento de Platão emerge de um terreno muito mais seguro, já que se realiza num *corpus* mais definido, cuja autenticidade é geralmente bem aceita. No caso dos

²⁹ Comparar com Galen. 8. p. 854, Kühn: νόμισμα καθ' ἑκάστην τῶν πόλεων ἴσμεν σύμβολον ὠνῆς καὶ πράσεως, ὃ τοὺς παραχαπάττοντας οἱ νομοθέται κολάζουσι (com relação à moeda de cada uma das cidades, conhecemos o símbolo da compra e da venda [ou o valor de compra e venda], sobre o que os legisladores punem os falsificadores) e com a expressão τὸ νόμισμα διαφθείρειν καὶ παράσημον εἰσφέρειν (falsificar a moeda e introduzir uma effigie falsa) em Demost. *Timocr.* 213 (apud Giannantoni, op. cit., 426-7). Fundamental, neste ponto do debate sobre o sentido exato do verbo παραχαράττειν, é o estudo realizado por Seltman sobre a emissão das moedas de Sínope no IV século, que Dudley, op. cit., 20-5 e 54-5, apresenta pela primeira vez e que, posteriormente, é publicado em *Transation of the International Numismatic Congress 1936* (1938) 121.

cínicos, além da peculiaridade de sua metodologia e da dimensão prática da sua doutrina, há toda uma dificuldade de se distinguir as várias seções canônicas: os limites entre biografia, anedota, apoftegma, doxografia quase nunca são claros³⁰.

O relato laerciano da “falsificação da moeda” é um significativo exemplo do processo de composição do pensamento cínico tal como se nos apresenta. Assim, numa formulação mais geral, podemos afirmar que *o pensamento cínico se constitui na história de sua transmissão e recepção*. Daí, é certa a impossibilidade de se alcançar um “estágio zero” de todo processo, como se num expediente de restauração pudéssemos determinar, sob o amálgama das reelaborações, um núcleo histórico preciso, embora a causa e o interesse que motivaram este procedimento deva ser tentado. É o que vai garantir a validade do trabalho da crítica sobre os escassos e divergentes dados materiais, mas dele deve-se esperar menos a proposição de um *princeps rerum* do que um confronto sistemático e rigoroso das versões. Deste modo, o que aparentemente seria um obstáculo a ser superado revela-se como o próprio fim do esforço interpretativo, ou seja: da biografia de Diógenes, uma vez que dela deriva a sua filosofia (a filosofia como *práxis* e como *bíos*), importa menos o aspecto factual do que o produto “inverossímil” que foi capaz de gerar.

³⁰ O intrincado problema da transmissão do cinismo aparece refletido, pelo menos em parte, na complexa estrutura do livro 6 de Diógenes Laércio. Sobre este assunto veja-se M. O. Goulet-Cazé, “Le livre vi de Diogène Laërce. Analyse de sa structure et reflexions méthodologiques” *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt* II (Berlin, New York 1990) 3880-4048.